

# Teias de interdependência na equoterapia brasileira: ações, saberes e atores sociais no caso sul-rio-grandense

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509202000020237>

Ester Liberato PEREIRA\*  
Janice Zarpellon MAZO\*\*

\*Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, Brasil.

\*\*Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

## Resumo

O presente estudo aborda a ação de distintas práticas equestres, bem como de instituições responsáveis pelas mesmas, na consolidação da Equoterapia no Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1990 e 2010. A partir do referencial teórico de Norbert Elias, a Equoterapia é enfocada como prática inserida em uma "configuração dinâmica" resultante da interdependência de ações, saberes e atores sociais, procedentes de universidades, regimentos de cavalaria, associações esportivas equestres e centros equoterápicos. Este artigo busca investigar como ocorreu a disposição da prática da Equoterapia no Rio Grande do Sul, desde suas primeiras iniciativas de composição registradas no estado. Para compreender este processo em uma concepção sócio histórica, procedeu-se à análise documental de fontes impressas. A interpretação das fontes evidenciou que, por meio de subsídios técnico-científicos transferidos do Hipismo à Equoterapia, vinculados às áreas da saúde, educação e equitação, foram compostos os alicerces que determinariam os espaços comuns entre as duas práticas equestres. De tal modo, os fios iniciais da emergência desta teia foram traçados por militares e civis na Equoterapia. Tais fios tornaram-se espessos e se fortaleceram a partir do contato da prática da Equoterapia com o meio universitário, cujos primeiros indícios são identificados no ano de 1994, no Rio Grande do Sul. Os fios da teia complexificam o seu emaranhado a partir da relação estabelecida entre a Equoterapia e associações equestres esportivas. Averiguou-se que a Equoterapia é produto e produtora de um cenário equestre esportivo desenvolvido no referido estado brasileiro. Em outras palavras, argumenta-se que ela faz parte de uma teia equestre-esportiva, a qual está em constante transformação, com novas configurações sendo produzidas.

PALAVRAS-CHAVE: Equitação terapêutica; Hipismo; Clubes; Militares; Universidades.

## Introdução

A Equitação Terapêutica, ou Equoterapia, como designada no Brasil, trata de um campo de intervenção terapêutica que conta com a participação do cavalo dentro de um enfoque interdisciplinar, nos planos da saúde e do esporte, na busca do bem-estar físico, psíquico e social de pessoas com deficiência<sup>1</sup>. A Equoterapia consiste em uma prática terapêutica, educacional e esportiva, reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina (Parecer 6/97)<sup>2,3</sup>, direcionada ao desenvolvimento biopsicossocial de seus praticantes, os quais são compostos, essencialmente, por pessoas com deficiência e/ou com necessidades

especiais. A concepção brasileira da Equoterapia foi gerada a partir da perspectiva italiana, a qual sistematizou a prática em quatro momentos, também denominados programas básicos, a saber: hipoterapia; educação/reeducação; pré-esportivo e prática esportiva paraequestre<sup>4</sup>.

Os programas pré-esportivo e prática esportiva paraequestre são aqueles que sustentam o argumento da inserção da Equoterapia no campo esportivo, para além de sua esfera terapêutica e educacional. LERMONTOV<sup>5</sup> adverte que o(a) praticante, nos programas pré-esportivo e de prática esportiva

paraequestre, expõe adequadas condições para agir e conduzir o cavalo sozinho, podendo participar de aprendizados característicos do hipismo. Vale lembrar que o hipismo se constitui como uma das práticas da Equitação, compondo, simultaneamente, tanto uma modalidade esportiva olímpica, como também uma atividades de lazer<sup>6</sup>. As interdependências entre as práticas produzem e atribuem significados à Equoterapia, permitindo que dela originem-se diferentes interpretações.

O presente artigo parte da suposição de que a Equoterapia, no Rio Grande do Sul, se conformou a partir de distintas práticas equestres, bem como das instituições responsáveis pelas mesmas, entre as décadas de 1990 e 2010. Destarte, considera-se que essa prática resulta da interdependência de saberes, técnicas, relações entre humanos e não humanos, procedentes de universidades, regimentos de cavalaria, associações esportivas equestres e centros de Equoterapia. De tal modo, vislumbramos que a Equoterapia tem uma “configuração dinâmica”, expressão utilizada por ELIAS<sup>7</sup> e que será empregada no estudo para guiar a interpretação das informações acerca da prática.

O artigo ganha relevância diante da tímida produção científica voltada para o estudo histórico dessa prática equestre. Há maior ocorrência em pesquisas dedicadas a compreender a prática da Equoterapia enquanto uma vertente da equitação, com ênfase terapêutica e educacional, por meio de publicações de profissionais das áreas da saúde, educação e equitação<sup>8</sup>. Estudos como os de ARAÚJO ET AL.<sup>9</sup> e KWON ET AL.<sup>10</sup>, têm dedicado atenção à Equoterapia na reabilitação de indivíduos com paralisia cerebral. Já estudos como os de STERGIOU ET AL.<sup>11</sup>, focam nos efeitos das intervenções com Equoterapia de uma forma mais geral, tais como possíveis benefícios no equilíbrio, marcha, movimento pélvico e qualidade de vida geral dos praticantes. Um levantamento mais aprofundado da produção científica identificou que apenas LEITÃO<sup>4</sup> realizou um estudo sociocultural, por meio do qual buscou compreender a amplitude da equitação com enfoque terapêutico e o seu enquadramento

na conjuntura internacional contemporânea. No Brasil, os estudos tendem a ser produzidos pelas áreas da fisioterapia e medicina<sup>9,12</sup>.

No que se refere aos atores sociais envolvidos na prática equoterápica, identificou-se o estudo de PAVÃO<sup>13</sup>, o qual, de uma perspectiva antropológica, analisa as relações entre pessoas e cavalos na Equoterapia. No entanto, quando se trata de pesquisas sobre aspectos socioculturais relacionados ao início da Equoterapia brasileira, ainda este tema é encoberto e pouco abordado no campo da Educação Física. Ponderamos que estudos históricos e socioculturais podem contribuir de modo significativo para a compreensão dos cenários que favoreceram o desenvolvimento da Equoterapia em âmbito local, regional e nacional.

Diante disso, o objetivo do estudo é investigar como ocorreu a disposição da prática da Equoterapia no Rio Grande do Sul, desde suas primeiras iniciativas de composição registradas no estado.

A despeito de a pesquisa caracterizar-se como um estudo de caso histórico documental delimitado ao Rio Grande do Sul, pretende contribuir com novos subsídios sobre o tema. Conforme MACHADO<sup>14</sup> (p. 307-308), “o real papel desses estudos [regionais] é iluminar os contextos mais amplos dos quais foram parte [...]”. Ademais, pesquisas sobre acontecimentos sucedidos em determinada localidade favorecem a realização de estudos comparativos entre cenários históricos e socioculturais. No caso do presente estudo, cabe mencionar que o Rio Grande do Sul foi um dos primeiros estados do país onde se sucedeu a prática da Equoterapia.

As publicações apontam que a Equoterapia proporciona impacto social por meio de seus potenciais benefícios para pacientes com diferentes condições de saúde, tais como pessoas com deficiências físicas, mentais, educativas e/ou comportamentais<sup>15</sup>. Os benefícios biopsicossociais manifestam-se por meio de uma reeducação psicomotora oportunizada pelo movimento tridimensional do cavalo transmitido ao(à) cavaleiro/amazona e pela relação de vínculo estabelecida com o não humano. O significativo benefício da Equoterapia apresenta-se na participação do cavalo<sup>16</sup>.

## Método

No intuito de contemplar o objetivo proposto, os caminhos que nortearam este estudo foram percorridos, tendo como pressupostos teórico-

metodológicos, a perspectiva dos estudos históricos e socioculturais. A partir da compreensão de que modelos teóricos auxiliam a apreensão de fenômenos

investigativos, considerou-se que conceitos da teoria sociológica de Norbert Elias<sup>17,18</sup> constituem uma adequada fonte de análise para se compreender o universo da Equoterapia, sobretudo porque o autor acerca-se abertamente de pontos relacionados ao campo do esporte e práticas corporais ao longo de sua obra<sup>18</sup>.

A partir do conceito de configuração, é plausível articular que a composição de práticas esportivas deriva das distintas configurações nas quais elas estão imersas. Conforme ELIAS<sup>7,19</sup>, indivíduos, enquanto atores sociais, acomodam seus conceitos com base em todas as suas vivências e, basicamente, das experiências no cerne do próprio grupo.

A construção do presente artigo pauta-se, do ponto de vista teórico-metodológico, pela abordagem da temática da Equoterapia empregando o conceito de configuração de Norbert Elias<sup>18</sup>. Com base em tal referencial, propõe-se a interpretar as práticas equestres sul-rio-grandenses e seus atores sociais como domínios socializadores que coexistem em uma intensa relação de interdependência. Esses domínios configuram um formato constante e dinâmico de relação entre tais práticas culturais e os sujeitos envolvidos, como militares, profissionais das áreas da saúde e equitação, pesquisadores, além dos próprios cavalos. Trata-se de olhar esses atores sociais

[...] não como seres abstratos, ou essencialmente intelectuais, mas, como seres essencialmente sociais, com suas identidades pessoais e profissionais, imersos numa vida grupal na qual partilham uma cultura, derivando seus conhecimentos, valores e atitudes dessas relações, com base nas representações constituídas nesse processo que é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivo<sup>20</sup> (p. 196).

Para a concretização desta investigação, duas pesquisadoras estiveram envolvidas de forma conjunta e simultaneamente na pesquisa documental para a coleta de fontes escritas/impressas. Enquanto um estudo abalizado em documentos impressos como material primordial, esta investigação historiográfica trata de, após organizá-los e catalogá-los, decifrar as informações em busca de possíveis respostas para o objetivo proposto<sup>21</sup>. Este tratamento metodológico de análise de documentos busca vestígios resguardados pelo tempo, os quais permitiram arquitetar e construir uma história<sup>22</sup>.

A busca de documentos foi realizada no arquivo de sociedades hípias, centros de Equoterapia, Associação Gaúcha de Equoterapia (AGE/RS) e

Federação Gaúcha dos Esportes Equestres, em seus documentos oficiais. Optou-se por estes locais de pesquisa e seus acervos em função de concentrarem os indivíduos envolvidos com a Equoterapia no estado, como também por configurarem-se como os espaços onde a prática desenvolve-se. Além das aludidas fontes, utilizou-se o *Jornal do Hipismo*, que circulava no meio hípico do estado, o jornal *Correio do Povo* e o jornal *Zero Hora*, que, na época, já era o de maior circulação no estado do Rio Grande do Sul. Também se procedeu à consulta de informações no álbum comemorativo da Sociedade Hípica Porto Alegrense (SHPA). Ainda foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, artigos científicos, dissertações e teses.

As fontes históricas incluídas na pesquisa tem um recorte temporal datado da década de 1990, quando há os primeiros indícios da Equoterapia no estado, e se estende até a década de 2010, quando são identificadas parcerias entre centros e universidades, propondo um novo período de desenvolvimento desta prática no estado. Na sequência, explanam-se as características dos materiais examinados: jornais, álbum e estatuto.

O *Jornal do Hipismo*, acessado por meio de um acervo particular e criado em 1994 pelo jornalista e pai de uma amazona, Lupi Martins, contribuiu para esta pesquisa, em especial em função de retratar o hipismo no estado do Rio Grande do Sul. Já nas primeiras edições, abordava o turfe e noticiava fatos da prática da Equoterapia no estado, revelando indícios de relações estreitas entre as práticas do Hipismo e da Equoterapia.

O jornal *Correio do Povo*, acessado no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, consiste no mais antigo jornal da capital sul-rio-grandense em circulação. Trata-se de um jornal que apresenta muitas notícias a respeito das práticas equestres em geral. Dentre estas, sobressaem o turfe, o hipismo e a Equoterapia, comprovando o destaque destas práticas na sociedade.

O jornal *Zero Hora* (ZH) é um dos maiores periódicos de circulação diária do Brasil. Daí a importância de incluí-lo neste corpus documental. É editado em Porto Alegre e controlado pelo Grupo RBS. Foi constituído, em maio de 1964, pelo jornalista Ary de Carvalho. A contribuição desse jornal para esta pesquisa consistiu na identificação da retratação da prática equestre da Equoterapia em suas páginas dedicadas ao Caderno Vida, essencialmente direcionado a reportagens acerca da área da saúde.

O “Álbum dos 70 anos da Sociedade Hípica Porto Alegrense” foi doado às pesquisadoras, pela entidade, por ocasião da pesquisa documental realizada em seu acervo. Foi selecionado para compor o *corpus* documental da investigação devido à quantidade de informações acerca da Equoterapia e sobre a SHPA, em especial entre a escola de equitação desta instituição e um importante centro de Equoterapia do estado.

O “Estatuto da Associação Gaúcha de Equoterapia (AGE/RS)” foi acessado por meio do acervo de uma ex-integrante da entidade. Tal fonte, ao dispor das leis que conduzem a entidade, proporcionou indícios sobre a consolidação de uma configuração constituída entre militares e civis. A importância desse material também reside no fato de suas informações contemplarem uma congregação dos centros de Equoterapia do estado.

No que diz respeito à revisão bibliográfica sobre o assunto pesquisado, foram localizados, aproximadamente, 100 artigos com referências ao Hipismo e à Equoterapia. Primeiramente, este conjunto documental foi submetido a uma “análise de adequação”<sup>22</sup> com vistas a averiguar se as fontes escolhidas estariam afinadas com o problema histórico a ser investigado. Diante deste *corpus* documental, procedeu-se à seleção das fontes, pois, afinal, como adverte Michel de Certeau<sup>23</sup>,

“em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos antes distribuídos de outra maneira”<sup>23</sup> (p. 81).

Os critérios de seleção de tais fontes pautaram-se em função da problemática de pesquisa, já que a principal possibilidade de se avaliar uma

fonte documental dá-se por meio da apreensão da qualidade dos dados que ela pode ou não prover. Desta feita, as fontes que apresentavam informações acerca do arranjo inicial da prática da Equoterapia no Rio Grande do Sul, desde as ações elementares de constituição registradas no estado, foram privilegiadas no processo de análise documental.

A partir disto, entre as fontes coletadas para este artigo, foram selecionadas 11 reportagens do *Jornal do Hipismo* e uma do jornal *Correio do Povo*; três matérias do Álbum dos 70 anos da Sociedade Hípica Porto Alegrense; e uma do Estatuto da AGE/RS. Em seguida à etapa da coleta das fontes, passou-se para a codificação dos dados coletados, ou seja, as notas recolhidas em cada tipo de fonte foram fichadas e dispostas a partir do editorial, do registro e do conteúdo. Os critérios empregados para o registro e a disposição dos documentos foram determinados a partir dos temas: Equoterapia; Hipismo; Equoterapia e Hipismo. Após o registro dos dados, conforme recomenda PIMENTEL<sup>21</sup>, a documentação foi arquivada segundo o acervo onde foi localizada.

Na sequência, deu-se início à problematização de tais fontes, uma vez que estas não discorrem por si. Assim, as fontes coletadas foram submetidas à técnica de análise documental, segundo os termos descritos por BACELLAR<sup>22</sup>. Esta técnica de análise destaca três passos: fichamento, análise propriamente dita dos documentos e cruzamento de fontes. De tal modo, por meio do método de análise documental aplicado às fontes, foi revelada a interdependência entre entidades e as práticas socioculturais da Equoterapia e do Hipismo no cenário sul-rio-grandense. No seguimento, houve o cotejamento das fontes e os resultados da interpretação são expostos nos tópicos que seguem.

## Resultados e Discussão

A Equoterapia é uma prática terapêutica que teve início, no Brasil, no final dos anos de 1980 e, na década seguinte, disseminou-se no estado do Rio Grande do Sul<sup>24</sup>. Em razão da tradição de práticas equestres no estado, desde a segunda metade do século XIX, conforme PEREIRA<sup>6</sup>, determinada conformação da Equoterapia foi difundida na capital, Porto Alegre, e, posteriormente, em outras cidades. Importa destacar que o desenvolvimento da Equoterapia, no

estado, processou-se por meio de uma conjuntura de distintas classes sociais, fundamentalmente refletida por meio de práticas esportivas equestres vinculadas a um recorte temporal e espacial. Tal contexto revela uma configuração produzida por relações de interdependência e de poder<sup>7</sup> nesse meio, centrais para a articulação entre os campos sociocultural e esportivo que permitiram a consolidação da Equoterapia enquanto prática terapêutica, educacional e esportiva.

## Os fios iniciais da teia: militares e civis na configuração da Equoterapia

Com base nas fontes documentais, argumenta-se que a emergência da Equoterapia, no estado, está diretamente relacionada a dois segmentos sociais: o militar e o civil. No primeiro caso, têm-se registros de que a prática teria emergido, ao longo da década de 1990, em regimentos de cavalaria da polícia militar e do exército situados em Porto Alegre. Já no segundo caso, identifica-se a presença de civis, com alto capital cultural e social<sup>25</sup>, em meio aos militares na constituição dos primeiros centros no mesmo período. Dessa forma, há um processo de interdependência responsável por cunhar a Equoterapia. Esses dois segmentos podem ser vislumbrados como os primeiros fios que darão origem a essa imbricada teia de relações.

No Rio Grande do Sul, a estrutura social dinâmica da prática da Equoterapia é aparelhada, inicialmente, na capital, nas dependências da Brigada Militar, como é denominada a Polícia Militar do estado, mais especificamente nas instalações do 4º Regimento de Polícia Montada (4ºRPMon)<sup>26</sup>. Desde então, era veiculada, assim, a informação de que esta prática havia sido originada entre os muros da caserna no Rio Grande do Sul, como apresentado por reportagem do jornal *Correio do Povo*:

O 4º RPMon não faz somente o policiamento ostensivo. Há participação dos Policiais Militares em eventos sociais. [...] O Regimento, inclusive, foi um dos pioneiros em propiciar a Equoterapia. Um método terapêutico e educacional utilizando o cavalo interdisciplinarmente, nas áreas de saúde, educação e equitação, visando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência ou necessidades especiais<sup>27</sup> (p. 11).

Contudo, de acordo com a Ande-Brasil<sup>3</sup>, considera-se que os primórdios oficialmente reconhecidos, no Rio Grande do Sul, ocorreram no 3º Regimento de Cavalaria de Guarda do Exército – Regimento Osório (3º RCG), em Porto Alegre, no primeiro mês do ano de 1992, com uma equipe composta por civis e militares. A cidade de Uruguaiana, por sua vez, foi a segunda cidade sul-rio-grandense a contar com a prática da Equoterapia oficialmente reconhecida pela Ande-Brasil, com uma equipe também composta por militares e civis<sup>24</sup>. O estado do Rio Grande do Sul, portanto, foi precursor na fundação dos primeiros Centros

de Equoterapia fora da Ande-Brasil, localizada em Brasília<sup>27</sup>.

As fontes averiguadas sugerem que o papel de civis será essencial para a formação e desenvolvimento em longo prazo da prática equoterápica. Não obstante, como os documentos revelam, não se trata de quaisquer civis<sup>28</sup>, pois são pessoas, em geral, com uma formação educacional de nível superior, experiências profissionais adquiridas na Europa e que frequentavam espaços de práticas equestres seletivos, tais como sociedades hípicas<sup>a</sup>.

Trata-se de uma parcela da população brasileira com alto capital social e cultural, destacando-se, por exemplo, as profissionais civis Vera Horne da Cruz, psicóloga, e Águeda Marques Mendes, pedagoga especial. Estas, juntamente com os Coronéis de Cavalaria R1 do Exército Miron, Paulo Rafael Azambuja e o Sargento Laerte Vaz da Silveira<sup>b</sup>, formaram a primeira equipe de Equoterapia do Estado, pertencente ao Centro de Equoterapia Osório (CEO), filiado à Ande-Brasil e situado no 3º RCG. Ressalva-se que Vera Horne da Cruz era filha do general de cavalaria Ary Carracho Horne, um dos sócio-fundadores da Ande-Brasil, e havia participado do Primeiro Curso e Encontro Nacional de Equoterapia, com a Dra. Daniéle Cittério, da Itália, em agosto de 1991. Nesta medida, uma configuração<sup>7</sup> da Equoterapia é constituída, apresentando, como elemento fundamental, uma articulação interdisciplinar entre diferentes campos profissionais e de conhecimento. Vinculavam-se, assim, as áreas da saúde, educação e militar, em função das noções seculares e esportivas de equitação detidas e desenvolvidas por esse meio.

As articulações podem ser compreendidas a partir de um determinado contexto histórico, sociocultural e político-econômico brasileiro de meados da década de 1990. Nesta conjuntura, identificou-se a necessidade de organização de uma entidade que congregasse militares e civis, a fim de melhor apreender o jogo de forças que se estabelecia entre estes grupos sociais na conjuntura da Equoterapia. Deste modo, passou a predominar, entre tais segmentos sociais, uma relação de colaboração. Alcançou-se, assim, um equilíbrio neste contexto, uma vez que essa congregação mostrou-se conveniente e funcional para o desenvolvimento da prática equoterápica, segundo a necessidade civil-militar. Com a consolidação de uma configuração instituída entre militares e civis, sucedeu a fundação da Associação Gaúcha de Equoterapia (AGE/RS), em 1995<sup>31</sup>. Enquanto uma ação social, esta entidade

emerge com o intuito de contribuir para a tessitura destes fios iniciais de um intrincado enredo que se conectava entre esta rede. A finalidade primeira que consta no documento inaugural da AGE/RS, refere:

Art. 1º. A Associação Gaúcha de Equoterapia, com sigla AGE/RS, é uma sociedade civil de caráter filantrópico, terapêutico, educativo, desportivo, cultural e social para atender às pessoas portadoras de deficiência, PPD, mediante a prática de equoterapia<sup>31</sup> (p. 1).

Sobre os mentores da AGE/RS, conforme ORTIZ<sup>24</sup>, foram precursoras: a psicóloga Vera Horne, a pedagoga especial Águeda Mendes e a fisioterapeuta Andréia Antune. No entanto, segundo CIRILLO<sup>32</sup>, e conforme o documento regimental inaugural da instituição<sup>31</sup>, a entidade foi fundada por oficiais militares e presidida, pioneiramente, por José Torquato Severo, médico neurologista, oficial da Cavalaria do Exército aposentado, o qual havia sido aluno, durante sua formação militar, e amigo do general Ary Rodolpho Carracho Horne e do coronel Lélío de Castro Cirillo, dois dos fundadores da Ande-Brasil.

A despeito das diferentes versões históricas quanto aos pioneiros, o fato comum entre as citadas fontes de consulta é a AGE/RS ter tido sua sede estabelecida junto ao 3º Regimento de Cavalaria de Guarda (3ºRCG) General Osório. Neste regimento, já funcionava o Centro de Equoterapia Osório (CEO), um modelo de centro de Equoterapia. É possível que as variantes informações sobre os(as) fundadores(as) da AGE/RS devam-se à proximidade de relações profissionais que cada um dos autores dos diferentes registros tem com os nomes associados à referida entidade. Independentemente da autoria da inauguração da associação de Equoterapia, identificam-se as pessoas supramencionadas em diferentes fontes relacionadas aos momentos iniciais da Equoterapia no Rio Grande do Sul.

Deste modo, é provável que todas elas estejam, em alguma medida, relacionadas à concepção da AGE/RS.

Estes são alguns indícios que corroboram para um processo de constituição de um panorama da Equoterapia, no estado, mediado pela coexistência de distintos grupos sociais – militares e civis -, produtores de valores e referências culturais próprios. Os sentidos, as relações e um conjunto de características e códigos são transferidos para o contexto da Equoterapia não de forma fragmentária, mas de maneira articulada entre estes dois segmentos

sociais. De tal modo, a AGE/RS passa a promover cursos básicos de capacitação profissional em Equoterapia, em parceria com a Ande-Brasil, além de Cursos de Informações Técnicas e Científicas sobre Equoterapia, sempre na sede do CEO no 3º RCG<sup>33</sup>. Nestas oportunidades, evidenciam-se os saberes que circulam entre as áreas da saúde, educação e equitação, bem como entre civis e militares. Os conhecimentos, muitos dos quais fundamentam a prática, são constituídos por noções de equitação, hipologia e bases científicas das ciências humanas e da saúde relacionadas à prática. Além disso, elementos acerca do cavalo enquanto um colaborador cinesioterapêutico também circundam estes espaços, assim como saberes acerca das diversas deficiências e respectivas indicações e contraindicações para a Equoterapia.

A partir dos primórdios desta trama militar-civil, identifica-se a organização da AGE/RS, a partir da qual novos centros de Equoterapia são instituídos no Rio Grande do Sul. Esta entidade ainda representou o início da estabilização de uma configuração constituída entre militares e civis, que assinalou os contornos das práticas equestres em diferentes regiões sul-rio-grandenses. Solidificou-se, assim, uma configuração cultural constituída entre os cenários das práticas do Hipismo e da Equoterapia em “[...] uma pluralidade de indivíduos, os quais, de um modo ou de outro, são interdependentes”<sup>37</sup> (p.184). Em uma trajetória de propagação e incremento da Equoterapia, ainda sobressai-se um alinhamento de universidades, públicas e privadas, com uma rede de organização. Os vínculos com instituições de ensino superior representam uma possibilidade de consolidação da prática através da legitimidade que os saberes e conhecimentos que a envolvem atingem no meio universitário.

### **Relações entre a Equoterapia e instituições de ensino superior no estado**

A relação da Equoterapia com o meio universitário apresenta seus primeiros indícios no ano de 1994, no Rio Grande do Sul. Identificou-se o enlace enquanto uma formação social configurada pela interdependência entre professores universitários e acadêmicos de cursos de graduação e pós-graduação ligados às áreas da saúde e da educação, e, com frequência, por profissionais militares. Estes intercambiavam conhecimentos acerca da equitação, além de proporcionarem, muitas vezes, o acesso aos cavalos e aos espaços físicos para a realização de

projetos de pesquisa e de extensão.

Tal configuração começa a estabelecer-se em um contexto em que os sócio-fundadores da Ande-Brasil, em Brasília, na década de 1990, passaram a procurar instituições e órgãos que pudessem colaborar para difundir o método terapêutico e educacional, bem como desenvolvê-lo no Brasil. Em 1994, alguns professores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foram contatados para, junto a estes sócio-fundadores da Ande-Brasil, e por meio do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), inaugurar, em interdependência, o Projeto de Equoterapia da universidade. Localizada na cidade de Santa Maria, região central do estado, a UFSM já contava com pesquisas em nível de pós-graduação nas áreas de saúde e educação<sup>34</sup>.

Desta feita, os sócio-fundadores militares da Ande-Brasil deslocaram-se até Santa Maria e estabeleceram contato com a UFSM e com o Colégio Antônio Francisco Lisboa, instituição com fins filantrópicos que proporciona assistência clínica e pedagógica para pessoas com deficiência, e com a Brigada Militar. Com base nisto, uniram três instituições para o desenvolvimento da terapia na região em um equilíbrio de tensões, na medida em que cada uma estava ligada entre si de forma dinâmica e interdependente para concretizar a prática: a universidade, a partir de seu corpo de trabalho, representado pelos professores e pelo conhecimento gerado por meio de pesquisas; a Brigada Militar, entidade que proveria, além do espaço físico para a prática, os animais e o conhecimento dos militares a respeito da lida com os cavalos; e o Colégio Antônio Francisco Lisboa, cujos alunos seriam os primeiros beneficiários da iniciativa<sup>35</sup>.

Este centro equoterápico, desde sua constituição, apresentou, como orientação, uma conduta interdisciplinar, composta por acadêmicos e profissionais das áreas da saúde e educação, representados pelos cursos de Fisioterapia, Educação Especial, Educação Física, Fonoaudiologia e Psicologia, bem como da área da Equitação<sup>34</sup>. Uma vez que as instituições de ensino superior têm o compromisso dos resultados do desenvolvimento científico para com a sociedade, por meio do tripé ensino-pesquisa-extensão, as parcerias atuavam como elemento articulador chave. Tais colaborações proporcionaram novos rumos de desenvolvimento e legitimação à prática da Equoterapia. Percebe-se, assim, uma ação de implantação da Equoterapia em uma região central do estado, com quartéis e base

aérea, além do ensino superior consolidado.

Ademais, reforçam-se evidências de que este arranjo apresenta, no cerne de seus contornos, uma interdependência no modo como as ações e experiências entre sujeitos e espaços militares e civis se interpenetram, formando uma configuração entre os mesmos. A despeito de eventuais disputas entre ambos os segmentos sociais, esta rede de relações mostrou-se funcional em seu propósito. A partir de seu estabelecimento, os vínculos interdependentes contribuíram como diretrizes para pensar a inter-relação subjacente ao desenvolvimento da prática equoterápica. Estabeleceu-se, assim, uma conexão predominantemente de coexistência em concordância e favorável à Equoterapia.

Desde o período inicial, o Projeto Equoterapia ocorreu nas dependências da Brigada Militar<sup>36</sup>, propiciando a armação dos primeiros fios entre os elementos 'universidade', 'professores', 'acadêmicos', 'prática equoterápica', 'militares', 'praticantes', 'cavalos' e 'saberes'. Somente em 1998 é que o Projeto Equoterapia passou a ocorrer, também, dentro do campus da UFSM, em parceria com a Associação Equestre Universitária<sup>c</sup>, a qual estimula a prática do Hipismo nesta universidade desde a sua fundação, em 1960<sup>37</sup>. A partir do final da década de 1990, por conseguinte, o Projeto Equoterapia centralizou suas atividades nas dependências desta associação equestre, especialmente em função de beneficiar a formação dos alunos acadêmicos. A fim de melhor compreender esta teia no campo social em que se insere, há que se considerar os estratos sociais que vão se acoplando ao enredo em um processo de longo prazo.

Desta forma, ao passar a compartilhar espaço físico e social com o Hipismo, convivendo junto em um campo social, a prática equoterápica evidencia a relevância de se pesquisar as relações entre os diferentes elementos funcionais de sua estrutura. É possível que, na medida em que o meio universitário e seus atores sociais iam adquirindo os saberes provenientes do intercâmbio de relações com os militares, bem como espaços físicos e animais, tenha ocorrido uma mudança e um desequilíbrio nas relações de poder, ocasionando um novo entrelaçamento com uma esfera esportiva. Identifica-se, assim, um rearranjo semelhante entre ambas as práticas: provêm de iniciativas militares e repartem conhecimentos técnico-científicos, cavalos, profissionais, espaços, dentre outros<sup>38</sup>.

Em demais regiões, também se identificaram projetos de extensão de Equoterapia, como na

Universidade de Passo Fundo (UPF), vinculado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, desde o ano de 2003. As atividades de Equoterapia do projeto intitulado Educação Inclusiva Equoterapêutica ocorrem na Fazenda da Brigada Militar de Passo Fundo, envolvendo alunos, professores e funcionários de diversos cursos de graduação da UPF. A iniciativa multidisciplinar possibilita que crianças e adultos com deficiência melhorem sua qualidade de vida por meio de atividades que estimulam a convivência e a aproximação com o cavalo. Esta é mais uma iniciativa, na prática equoterápica, que revela um equilíbrio de forças entre a rede civil-militar constituída junto às universidades. Esta trama possibilitou uma interdependência funcional que permitiu uma propagação cada vez maior da prática equoterápica, bem como de seus elementos constituintes.

No ano seguinte, em 2004, foi organizada uma aproximação entre a Equoterapia e uma universidade da rede privada de ensino superior na capital do estado. Por meio da iniciativa do Centro de Equoterapia de Porto Alegre (CEPA), em parceria com o Centro Universitário Ritter dos Reis (**UniRitter**)<sup>f</sup> e a Ande-Brasil, foi promovido o primeiro curso básico e de extensão em Equoterapia no Rio Grande do Sul<sup>24</sup>.

As atividades práticas do curso ocorreram nas dependências do 8º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado do Exército, em Porto Alegre, onde também eram realizadas as atividades do CEPA naquele período. Outra evidência da relação instituída entre iniciativa civil e militar e uma universidade é o estabelecimento do Centro Missionário de Equoterapia Santo Ângelo Custódio em 2007. Os sócios instituidores foram: a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – Campus de Santo Ângelo; a Prefeitura Municipal de Santo Ângelo; e o Núcleo Missionário de Criadores de Cavalos Crioulos<sup>39</sup>.

Situado na cidade de Santo Ângelo, na região noroeste do Rio Grande do Sul, este centro conta com diversos voluntários e profissionais da área da saúde, educação e equitação. Há fisioterapeutas, médicos, equitador, pedagoga e a psicóloga responsável por este projeto de extensão universitária, além do apoio recebido por parte da Brigada Militar daquela cidade.

Outra ocorrência da rede civil-militar que abarcou as universidades como estratégia de desenvolvimento da Equoterapia ocorreu no ano de 2011, quando foi criado o Centro de Equoterapia da

Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA), por meio de convênio com a Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). A parceria das referidas instituições, viabilizada por meio de um projeto de extensão universitária, possibilitou o atendimento de pessoas com deficiência e com dificuldades de aprendizagem no município de Cruz Alta, na região noroeste do estado<sup>40</sup>. Esse foi mais um exemplo da dinâmica relação da rede civil-militar que abarcou universidades como uma estratégia de propagação da prática da Equoterapia e, simultaneamente, como forma de fortalecê-la cientificamente.

Os citados enlances aludem a uma nova relação, resultante de forças que buscam equilibrar-se, nesta organização, ao fortalecer o elemento esportivo por meio da prática do Hipismo. Esse é o caso da Equoterapia na UFSM, que passa a constituir uma experiência de socialização no espaço e configuração estabelecidos. Na medida em que a Equoterapia apresenta seus princípios primordiais alicerçados em saberes do Hipismo, complexifica-se o emaranhado de fios que tecem tal teia.

### **Equoterapia e sua relação com associações esportivas equestres sul-rio-grandenses**

À teia tramada até então, se prende outro fio no início do século XXI. Em 2000, ocorre a fundação do Centro de Equoterapia Cavalo Amigo por meio de uma parceria com a Escola de Equitação da Sociedade Hípica Porto Alegrense (SHPA). Conforme registro no Álbum 70 Anos da Sociedade Hípica Porto Alegrense<sup>41</sup>, a SHPA é uma associação esportiva que, desde seu princípio, oferecia a prática do Hipismo na capital do estado. O Centro de Equoterapia Cavalo Amigo, filiado à Ande-Brasil, iniciou oferecendo atendimentos sob a coordenação de sua fundadora, a psicóloga Sílvia Scheffer, a qual, na ocasião, já acumulava mais de 10 anos de experiência em práticas equestres. Ela contou com o apoio do empresário Jorge Gerdau Johannpeter, pertencente à tradicional família ligada à prática do Hipismo, para organizar a atividade nas dependências da SHPA.

Como efeito da mencionada imbricação, identifica-se uma dinâmica que se produz na essência de um segmento do social – neste caso, a família Gerdau Johannpeter -, o que gera disposições exclusivas semelhantes em seus integrantes. Esta ideia está atrelada a um ‘saber social incorporado’, que auxilia a compreender as formas organizativas,

a partir de uma “história incorporada que implica o equilíbrio entre continuidade e mudança”<sup>42</sup> (p. 9), entre o passado e o futuro, entre uma geração e outra, a que ELIAS<sup>42</sup> denomina *habitus*. Este se solidifica e se arraiga

“[...] à medida que se alonga e se encompria a cadeia de gerações em que [...] se transmite de pai para filho” o domínio da técnica do hipismo<sup>19</sup> (p. 173).

A parceria firmada entre o Centro de Equoterapia e a Escola de Equitação da SHPA pode desvendar uma trama de relações e de grupos aí presentes, ao constituir um primeiro elemento que salienta uma interdependência instituída entre estas entidades, bem como entre seus sujeitos. Isto porque, a partir desta relação de colaboração criada, identifica-se o compartilhamento não apenas de práticas, cavalos, profissionais e espaços, tanto sociais quanto físicos; uma vez que o centro fazia uso inteiramente das dependências da sede da SHPA, passa-se a compartilhar, também, valores socioculturais. A Equoterapia, enquanto uma prática que apresenta, em seus princípios e fundamentos, uma preocupação com componentes de filantropia<sup>3</sup>, pode constituir uma ponte entre distâncias sociais, uma vez que passa a ser realizada em proximidade espacial com um esporte marcado por representações de distinção social<sup>38</sup>. Em seus programas pré-esportivo e esportivo, a Equoterapia proporciona, aos seus praticantes, uma vivência dos fundamentos do hipismo.

Ao enfocarmos o percurso profissional de Sílvia Scheffer, tem-se mais um indício de uma relação estabelecida entre ambas as práticas. A representação ocupada por esta profissional, no interior da rede de relações da teia, também está ligada a um alto capital cultural e social, com formação ao nível de pós-graduação e cursos realizados no exterior. O fato da incorporação da prática da Equoterapia, na SHPA, ocorrer por meio da intervenção de um membro de família com histórico de vinculação ao Hipismo, também é um indicativo representativo de uma legitimação de relações de continuidade entre os domínios socializadores das práticas. Outra relação concebida entre a Equoterapia e o domínio socializador esportivo do Hipismo diz respeito ao intercâmbio de saberes, tais como técnicas, conhecimentos e elementos técnico-científicos transferidos do Hipismo à Equoterapia. Estes, incorporados aos campos da saúde e educação, comporiam o alicerce que definiria, inclusive, os espaços e ambientes comuns dentre as duas práticas.

Ao estar localizado nas dependências da SHPA, o centro equoterápico comungava de uma das melhores estruturas do país para se praticar Hipismo, o que favorecia as atividades propostas, em especial aquelas relacionadas à prática pré-esportiva. Ao compor parte da Equoterapia, o programa pré-esportivo era direcionado a simples exercícios específicos de Hipismo - propostos, muitas vezes, de forma lúdica quando direcionados a crianças. Os exercícios eram conduzidos por profissionais que também atuavam em instruções esportivas de Hipismo e realizados com a participação de cavalos que tomavam parte nos treinamentos hípicas. Os exercícios também podem ser apreciados como parte significativa das relações construídas entre os domínios do Hipismo e da Equoterapia, uma vez que, ao atender gestos, hábitos e comportamentos compartilhados nas práticas, inscrevem modos particulares de existência em uma rede.

Ao considerar o objetivo do artigo, o qual buscou investigar como ocorreu a disposição da prática da Equoterapia no Rio Grande do Sul, desde suas primeiras iniciativas de composição registradas no estado, algumas considerações foram tecidas por meio da apreciação do “corpus” documental. A estrutura de emergência do campo da Equoterapia, relativamente recente não só no Rio Grande do Sul, como também no Brasil, está relacionada com a organização de instituições vinculadas às áreas da saúde, educação e equitação, tais como associações (ANDE-BRASIL, AGE/RS, SHPA), universidades, além de regimentos e círculos militares. Por meio do conceito eliasiano de configuração, demonstrou-se como as teias de interdependência da Equoterapia, durante as décadas de 1990 e 2010, são resultantes de saberes e técnicas oriundos das mencionadas instituições.

Por conseguinte, argumenta-se que a Equoterapia é produto/produtora de uma teia equestre-esportiva no caso do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma teia em constante transformação, uma vez que novas configurações são produzidas nesse imbricado enredo. Alguns nós desta teia são historicamente produzidos, reforçados ou até desfeitos por meio de diferentes atores, saberes e técnicas que circulam nos cenários. Confirma-se que, em nível nacional, os nós da Equoterapia e do Hipismo, representados pela Ande-Brasil, interpenetram-se como uma das estratégias para a consolidação e propagação da Equoterapia nas regiões brasileiras. E, no estado do Rio Grande do Sul, identificou-se que tal desenvolvimento da prática resultou de relações de

interdependência entre estes referidos *nós*.

Por fim, sugere-se que essa proposta deve ser levada em consideração para outras práticas equestres esportivas componentes dessa ampla teia

de interdependência que, certamente, extravasa os limites geográficos do Rio Grande do Sul para outros estados brasileiros e, quiçá, países platinos como a literatura aponta<sup>38</sup>.

## Notas

- a. Tais sociedades hípcas não se localizavam apenas no Rio Grande do Sul, mas, também, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Isto evidencia como a presença de redes equestres de outras regiões brasileiras produziu uma espécie de intercâmbio com a Equoterapia sul-rio-grandense<sup>29</sup>.
- b. No ano de 2000, o cavaleiro, instrutor e sargento Laerte Vaz da Silveira, que fez parte, em 1992, da primeira equipe de Equoterapia do Rio Grande do Sul, inaugurou, na cidade de Osório, na região litorânea do estado, o Centro Hípico Vento Sul, em parceria com o Sindicato Rural da cidade<sup>30</sup>. Nesta entidade, promovia as práticas do hipismo – salto e adestramento - e Equoterapia. Assim, percebe-se uma rede dentre as práticas do hipismo e da Equoterapia, que se expande, por exemplo, conforme os sujeitos se deslocam e constituem novos espaços equestres. Neste caso, tem-se um militar que desenvolve, além de um centro hípico civil, ambas as práticas simultaneamente, ao introduzi-las em uma região onde não havia registros das mesmas. Pontua-se mais um exemplo de que os cenários de ambas as práticas não são pressionados pela forma com que são constituídas, mas sim pelos sujeitos que as compõem e que mutuamente podem disputar pelo controle e administração destas, além de contestar representações socioculturais militares e civis em um jogo simbólico.
- c. A Escola de Hipismo da UFSM foi fundada pelo Professor José Mariano da Rocha Filho, junto com a criação da universidade, em 1960. No ano de 2000, a escola se tornou a Associação Equestre Universitária de Santa Maria, com suas atividades no Centro de Eventos da universidade<sup>37</sup>. Esta associação possui alunos a partir dos quatro anos de idade, que começam com a equitação básica e, depois, partem para o hipismo, trabalhando basicamente com o salto. A associação teve projetos aprovados no Programa de Promoção e Apoio ao Esporte de Santa Maria. Este programa visa a destinar uma verba para colocar em prática projetos esportivos. Três ações foram beneficiadas: a participação em eventos hípicos, como as competições da Liga Hípica Central, a ampliação do número de praticantes de hipismo e consequente popularização da prática, e a Copa Hípica Universitária de Santa Maria. Uma vez que a escola constitui uma associação que não visa fins lucrativos, por meio destes projetos, é facilitada e incentivada a prática do hipismo na cidade.

## Abstract

Webs of interdependence in Brazilian equine therapy: actions, knowledge and social actors in Rio Grande do Sul case

This article explores the role played by different equestrian practices, as well as institutions responsible for them, in the consolidation of the Equine Therapy in the Brazilian state of Rio Grande do Sul, between the decades of 1990 and 2010. Based on Norbert Elias's theoretical framework, we argue that this therapy, in particular, has been developed through a network of social relations of interdependences between universities, cavalry regiments, equestrian sports associations and also Equine therapy centers. In order to develop such argument, we unfold the power and negotiations between the social actors, from these distinct institutions involved in the development of the Equine Therapy in that Brazilian state. The paper is resulted from fieldwork documents including newspapers, protocols, and other printed data that were collected from different associations, museums and cavalry regiments from Rio Grande do Sul. The findings suggest that the Equine Therapy presents similar foundations of Equestrianism. It has occurred through technical-scientific subsidies directly linked to health, education and equitation areas. As the paper shows, the initial wires of this interdependent network were woven by military and civilians in Equine Therapy. It also gained strengthened from the contact of the practice of Equine Therapy with the university environment, which presents its first indications in the year 1994, in Rio Grande do Sul. Afterwards, such network gains in complexity through the relation established between Equine Therapy with equestrian sports associations. This network of social relations of interdependences reveals that the Equine Therapy is part of an equestrian-sporting web, which is in constant transformation, with new configurations being produced. It is a product/producer of a significant equestrian sport scene developed in this Brazilian state.

KEYWORDS: Horseback riding therapy; Equestrianism; Clubs; Military; Universities.

## Referências

1. Leitão LG. Relações terapêuticas: um estudo exploratório sobre equitação psico-educacional (EPE) e autismo. *Análise Psicológica*. 2004; 22: 27-46.
2. Medeiros M, Dias E. *Equoterapia: Bases e fundamentos*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
3. Ande-Brasil. Associação Nacional de Equoterapia [Online]. Disponível em: <http://www.equoterapia.org.br>. 2018.
4. Leitão LG. Sobre a equitação terapêutica: uma abordagem crítica. *Análise Psicológica*. 2008; 1(XXVI):81-100.
5. Lermontov T. *A psicomotricidade na Equoterapia*. São Paulo: Ideias e Letras; 2004.
6. Pereira EL. *As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo da esportivização*. [dissertação]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; 2012.
7. Elias N. *A sociedade da corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2001.
8. Chaves LO, Almeida RJ. Os benefícios da equoterapia em crianças com Síndrome de Down. *R Bras Ci Mov*. 2018; 26(2):153-159.
9. Araújo TB, Silva NA, Costa JN, Pereira MM, Safons MP. Efeito da Equoterapia no equilíbrio postural de idosos. *Rev Bras Fisioter*. 2011;15(5): 414-419.
10. Kwon JY, Chang HJ, Yi SH, Lee JY, Shin HY, Kim YH. Effect of hippotherapy on gross motor function in children with cerebral palsy: a randomized controlled trial. *J Alt Complement Med*. 2015; 21(1):15-21.
11. Stergiou A, Tzoufi M, Ntzani E, Varvarousis D, Beris A, Ploumis A. Therapeutic effects of horseback riding interventions: a systematic review and meta-analysis. *Am J Phys Med Rehab*. 2017;96(10): 717-725.
12. Menezes KM, Copetti F, Wiest MJ, Trevisan CM, Silveira AF. Efeito da Equoterapia na estabilidade postural de portadores de esclerose múltipla: estudo preliminar. *Fisioter Pesq*. 2013;20(1): 43-49.
13. Pavão LC. 'O que é que cavalo sabe': um estudo antropológico sobre o vínculo animal-humano na Equoterapia [dissertação]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas; 2015.

14. Machado ARA. Entre o nacional e o regional: uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História. *Anos 90*. 2017; 24(45):293-319.
15. Silva CH, Grubits S. Discussão sobre o efeito positivo da Equoterapia em crianças cegas. *Psic Rev Psicol Vetor Editora*. 2004; 5(2):6-13.
16. Wickert H. O cavalo como instrumento cinesioterapêutico. *Equoterapia*. 1999;3:7-14.
17. Elias N. Introdução à sociologia. Lisboa: Edições 70; 1980.
18. Elias N. O processo civilizador: formação do Estado e civilização - v2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1993.
19. Elias N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
20. Gatti BA. A formação continuada de professores: a questão psicossocial. *Cad Pesq*. 2003;119:191-204.
21. Pimentel A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cad Pesq*. 2001;114:179-195.
22. Bacellar C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: Pinsky C, organizadora. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto; 2010. p. 23-80.
23. Certeau M. A Operação Historiográfica. In: Certeau M. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; 1982.
24. Ortiz ALM. Histórico e a implantação da Equoterapia no mundo e no Brasil: uma trajetória de práticas e teoria. 2003. [monografia especialização]. Brasília (DF): Universidade de Brasília, 2003.
25. Bourdieu P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero; 1983.
26. BM retoma atividades em Equoterapia. *Correio do Povo*. 12 jun. 2011: 12.
27. Cavalaria reforça segurança no litoral norte. *Correio do Povo*. 22 jan. 2010: 11.
28. Dornelles B. Cavalos: o remédio de quatro patas – Vida. *Zero Hora*. 20 set. 1992: 8.
29. Martins G. Nova Geração. *Jornal do Hipismo*. 31 jan.1994: 7.
30. Vento Sul. *Jornal do Hipismo*. 31 mar. 2001: 3.
31. Rio Grande do Sul (Estado). Estatuto da Associação Gaúcha de Equoterapia (AGE/RS). Dispõe sobre as leis que regem a referida associação. Porto Alegre, 1995.
32. Cirillo LC. Prefácio. In: Severo JT. *Equoterapia: equitação, saúde e educação*. São Paulo: Senac; 2010:12-14.
33. Severo JT. *Equoterapia: equitação, saúde e educação*. São Paulo: Senac; 2010.
34. Tv Câmara Santa Maria. *Mundo Acadêmico – Equoterapia*. Santa Maria, 2014. [Online]. 24m03s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tjoEjVb9IcU>.
35. Fontana M. *Notícias do UFSM – Equoterapia* [Internet]. 2013; [acesso em: 16 fev. 2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d-NGodNduI0&t=189s>.
36. Universidade Federal de Santa Maria. *O Projeto Equoterapia*. 2004. Disponível em: <http://www.ufsm.br/equoterapia>.
37. Megier T. *Notícias – Escola de Hipismo da UFSM*. Santa Maria, 2013. Disponível em: <http://www.praticadapesquisa.com.br/2011/01/como-apresento-referencia-de-um-video.html>.
38. Pereira EL. *Configurações sociohistóricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres [tese]*. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; 2016.
39. Kinas R, Monteiro MA. Estudante de psicologia na Equoterapia: um relato de experiência. *Vivências: Rev Eletrônica de Extensão URI*. 2010;6(11):35-40.
40. Peranzoni VC, Costa LPD, Vieira FR, Antunes VS. *Equoterapia: parceria EASA e Unicruz*. *Cataventos*. 2013;5, n.1: 261-276.
41. *Álbum 70 Anos da Sociedade Hípica Porto Alegrense*. DCS, jul.2009.
42. Elias N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1997.

## ENDEREÇO

**Ester Liberato Pereira**  
 Rua Santa Lúcia, 859 - Jardim Panorama  
 39400-117 - Montes Claros - MG - BRASIL  
 E-mails: ester\_lp@yahoo.com.br  
 ester.pereira@unimontes.br

Submetido em: 18/12/2017

1ª. Revisão: 22/05/2018

2ª. Revisão: 31/08/2018

Aceito: 15/11/2018